

Editorial

O “atendível” regresso ao Verão de 75

A “razão atendível” para despedir não é invenção do PSD. E obriga-nos a recuar ao Verão do gonçalvismo

A discussão instalou-se, com estrondo, na sociedade portuguesa. Voltaram os fantasmas do Estado Social em perigo ou das ameaças aos restos do que foi conquistado em Abril de 1974. O PSD, com a sua proposta de revisão constitucional, inaugurou um novo “Verão Quente”. E, no entanto, Pedro Passos Coelho, com o ar calmo que o caracteriza, garante que não é nada disso. Para ele trata-se de,

ainda ontem à noite o repetiu aos microfones da SIC, “sem gritaria, concentrarmo-nos na discussão daquilo que é importante”. No emprego, por exemplo, ele vê um regime “excessivamente rígido”: “Nós defendemos a segurança no emprego”, disse, mas “a segurança tem que se casar com a flexibilidade”. Daí a ideia de trocar, na Constituição, a “justa causa” no despedimento por “razão atendível”. Só que essa formulação não é uma invenção do PSD. É, aliás, até bastante antiga. O texto dizia assim: “O contrato de trabalho pode cessar por: (...) Despedimento promovido pela entidade patronal ou gestor público com base em motivo atendível”. Alínea d) do ponto 1 do artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 372-A/75. Data: 16 de Julho de 1975. Assinavam-no, em primeiro lugar, Vasco Gonçalves e Álvaro Cunhal. Na época deu bastante brado. Temia-se, talvez, que entre o “motivo atendível” estivesse o não se ser suficientemente revolucionário.

Mas a lei teve curta vida. Em poucos meses, o novo Decreto-Lei n.º 84/76 substituiu o odiado “motivo atendível” pelo utilitário “despedimento colectivo”. Até agora. Portugal vai, portanto, rediscutir uma ideia gonçalvista em cenário neoliberal. Aliás, já começou a fazê-lo, mas com antigos contendores em papéis diferentes. Nem mesmo o PSD se entende quanto ao termo. Vai ser animado este Verão de 2010.

O impossível triângulo afegão

A conferência dos doadores do Afeganistão, em Cabul, assinalou uma nova inflexão na política americana para a região. Já não há receio em perspetivar a saída das tropas no terreno e em definir que futuro espera o país. A resposta americana é entregar o Afeganistão a Hamid Karzai, o Presidente reeleito no ano

passado num processo fraudulento e condenado por toda a comunidade internacional. Karzai surge assim como o vencedor do dia. Foi incumbido de levar por diante uma nova estratégia de reconciliação e passará a gerir uma fatia muito mais substancial da ajuda externa. No entanto, toda a gente sabe que Karzai não dá qualquer garantia nos planos do combate à corrupção e das reformas do país. Além disso, a estratégia americana liga o futuro do Afeganistão ao vizinho Paquistão, deixando de fora a Índia, que sempre apoiou Karzai. Islamabad surge assim como o verdadeiro vencedor de uma disputa com a Índia que esteve sempre presente no conflito afegão. Não é por isso certo que a solução de Washington seja a que mais garantias dê para o futuro. Apostando num Presidente corrupto e excluindo a Índia, cedendo a um aliado instável como o Paquistão, os EUA estão a transferir responsabilidades e não a resolver um problema.

Cartas à Directora



As cartas destinadas a esta secção devem indicar o nome e a morada do autor, bem como um número telefónico de contacto. O PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e eventualmente reduzir os textos não solicitados, nem se prestará informação postal sobre eles. Email: cartasdirector@publico.pt

Contactos do Provedor dos Leitores
Email: provedor@publico.pt
Telefone: 210 111 000

Coimbra e o Centro de Artes Visuais

Foi com desagrado e alguma tristeza que na passada sexta-feira lemos a reportagem publicada no suplemento Ipsilon, dedicada à vertente cultural da cidade de Coimbra, sob o título “Coimbra não sabe para onde vai - e por isso não vai a lado nenhum”.

No parágrafo que referia a visita ao CAV, afirma-se que “...Na internet tínhamos lido que abria das 10h às 19h, esta porta informa que abre das 14h às 19h”. Na verdade, o horário do CAV já mudou há vários anos (desde 2005 e exclusivamente por constrangimentos financeiros) e em todos os materiais de comunicação e divulgação por nós distribuídos há uma referência ao horário actual: 14h-19h. O próprio sítio do PÚBLICO, na página dedicada à Agenda Cultural, indica o horário correcto.

Não deixa, por isso, de ser estranha a referência da jornalista ao horário incorrecto, deixando transparecer uma óbvia falta de preparação prévia relativamente a este assunto. Bastaria um simples telefonema para o CAV a solicitar esta informação e tal já não aconteceria.

É, sobretudo, estranho tendo em conta a relação e a parceria que o CAV mantém há vários anos com o Público, onde frequentemente publica encartes (cerca de 3 por

ano) e anúncios sobre as suas exposições, nos quais, mais uma vez, se refere sempre o horário de abertura.

Estranhámos também o facto de o CAV, enquanto herdeiro da longa tradição cultural dos Encontros de Fotografia, não tivesse sequer sido considerado para esta reportagem de um modo atempado e consentâneo com o seu historial e importância em Coimbra e no país, ao contrário do que foi feito com outras instituições com menos peso cultural.

É por isso lamentável a forma como uma instituição de referência no panorama cultural da cidade foi tratada em todo este processo. Albano Silva Pereira
Director do Centro de Artes Visuais / Encontros de Fotografia

N.R.: Entre outros constrangimentos de preparação da reportagem, a consulta de horários desactualizados acabou por condicionar indevidamente a relevância dada ao CAV. Pelo facto as nossas desculpas

Cristiano Ronaldo e José Mourinho

Ronaldo continua na berra, mesmo depois do desaire da África do Sul. Tudo continua a correr-lhe de feição, dentro do melhor dos mundos, onde tudo tem sido êxitos, facilidades e dinheiro a rodos. No entanto, a sua vida de

romântico andarilho poderá sofrer algumas modificações, por dois motivos: um pai responsável obriga a mudar de vida. E Mourinho, o seu novo treinador, espera-o.

É bom lembrar que a fama de Mourinho tem sido feita à base de muito trabalho, persistência, criatividade e muita disciplina. Logo que chegou a Madrid, pôs as cartas na mesa: todos lhe devem obediência e nada de invadir o seu campo de competências: nem o director do clube, nem os jogadores. Quem manda é ele e todos têm que se sujeitar à sua disciplina rígida e à sua voz de comando, porque ele não brinca em serviço. Então, como é que se conseguem averbar os triunfos que ele tem no seu curriculum?

Mourinho, treinador do Real Madrid, já disse o que tinha a dizer: os jogadores, todos os jogadores, têm de passar os dias no campo de treinos. Almoçam lá e, se quiserem, podem dormir a sesta - uma quase instituição, para os espanhóis.

O Ronaldo vai ter que se comportar como os restantes jogadores e, por isso, vai ter menos tempo para os ferraris e para a vida romântica a que estava habituado. Porque o Real Madrid é, não só o clube que mais investe em jogadores de gabarito, como é o clube mais prestigiado e Mourinho quer continuar a ser o campeão de todas as modalidades do desporto-rei de nível nacional e internacional. E vai consegui-lo!
Artur Gonçalves, Rio de Mouro

Grande comandante dos bombeiros de Alijó

Perante um incêndio que começou a deflagrar na freguesia de Carlão (...), o comandante dos Bombeiros Voluntários de Alijó enviou para o local 18 bombeiros e quatro viaturas. Providenciou a presença de Sapadores da Floresta e, podia o Diabo tecê-las, providenciou a presença de meios aéreos, duas avionetas. A sua postura e empenho evitaram o pior, tendo em conta que muitas casas da serra corriam perigo.

Apetece-me dizer que com esta gente as nossas casas na serra estão protegidas! Obrigado por tão nobre profissão e por ajudarem tanta gente.

De acordo com um estudo European Trust Brands 2009, divulgado pela revista Reader's Digest, os portugueses em quem mais confiam são nos bombeiros (93%). No fim do top 20 estão os vendedores de automóveis (9%) e políticos (1%).

Não deixa de ser curioso que a profissão de bombeiro - a maioria exerce esta profissão em regime de voluntariado, com poucas ou nenhuma benesses - é a mais reconhecida e com maior confiança dos portugueses, ao contrário dos políticos, a maioria em regime efectivo com muitas e enormes benesses, não têm a confiança e o reconhecimento dos portugueses.
Ermelinda Cardoso, Alijó